

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey

Em colaboração com

ANNA FREUD

Assistido por

ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XXI

(1927-1931)

O FUTURO DE UMA ILUSÃO
O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

e

OUTROS TRABALHOS

Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de
JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro.

Tradução de

JOSÉ OCTÁVIO DE AGUIAR ABREU

Revisão Técnica de

WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA

Professor-adjunto do Instituto de Psiquiatria da U.F.R.J. Analista-didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

IMAGO EDITORA LTDA.

Rio de Janeiro

**BIBLIOTECA
DO IEPP**

Os títulos originais dos diversos trabalhos do presente volume estão referidos nas Notas do Editor Inglês (James Strachey), que precedem os mesmos.

Copyright under the International and Pan American Conventions

Copyright © Portuguese Translation by IMAGO EDITORA 1969 — All rights reserved.

Copyright © James Strachey — Annotations, editorial matter and arrangements 1969.

Coordenador da Editoração: PEDRO PAULO DE SENA MADUREIRA
Revisão Tipográfica: JULIO CESAR GUIMARÃES

PRIMEIRA EDIÇÃO EM DEZEMBRO DE 1974

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS DE PUBLICAÇÃO EM LINGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL, PORTUGAL E PROVINCIAS ULTRAMARINAS, NOS TERMOS DA LEGISLAÇÃO VIGENTE PARA

IMAGO EDITORA LTDA.

Av. N. Sra. de Copacabana, 330, 10º andar

Tel.: 255-2715

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

CONSELHO PERMANENTE DE CONSULTA

O Conselho Permanente de Consulta (C.P.C.) foi constituído com a finalidade de auxiliar, sob a forma de consultas, os diversos tradutores da obra. Compõe-se dos seguintes psicanalistas:

BRASIL

- ADELHEID KOCH
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- CYRO MARTINS
Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- DARCY DE MENDONÇA UCHOA
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- DAVID ZIMMERMANN
Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- DÉCIO SOARES DE SOUZA
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- DURVAL MARCONDES
Presidente da Associação Brasileira de Psicanálise.
- EDGARD DE ALMEIDA
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- FÁBIO LEITE LOBO
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- HENRIQUE MENDES
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.
- LEÃO CABERNITE
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- LUIZ GUIMARÃES DAHLHEIM
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- MARIA PEREIRA MANHÃES
Membro da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.
- MÁRIO MARTINS
Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- PAULO GUEDES
Membro da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.
- VIRGINIA LEONE BICUDO
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA
Membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

PORTUGAL

- FRANCISCO ALVIM
Membro da Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise.
- PEDRO LUZES
Membro da Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise.

rose. A resposta é que a fixação desses tipos libidinais não lança luz nova sobre a gênese das neuroses. A experiência nos mostra que todos esses tipos podem existir sem qualquer neurose. Os tipos puros, assinalados pela preponderância indiscutida de um agente mental isolado, parecem ter melhor possibilidade de se manifestarem como quadros caracterológicos puros, ao passo que podemos esperar que os tipos mistos forneçam um solo mais favorável para as condições que conduzem à neurose. Penso, porém, que não devemos tomar uma decisão sobre esses assuntos até que tenham sido submetidos a um exame cuidadoso e especialmente dirigido.

Parece fácil inferir que, quando pessoas do tipo erótico caem doentes, elas desenvolverão histerias, assim como as do tipo obsessivo desenvolverão neuroses obsessivas; mas essas inferências também partilham da incerteza que acabei de acentuar. As pessoas do tipo narcísico que se expõem a uma frustração do mundo externo, embora sob outros aspectos independentes, estão particularmente dispostas à psicose, e também apresentam pré-condições essenciais para a criminalidade.

Constitui fato familiar que as pré-condições etiológicas da neurose ainda não são conhecidas com certeza. As causas precipitantes dela são frustrações e conflitos internos; conflitos entre os três principais agentes psíquicos; conflitos que surgem dentro da economia libidinal em consequência de nossa disposição bissexual e conflitos entre os componentes instintuais erótico e agressivo. É trabalho da psicologia das neuroses descobrir o que faz com que esses processos, pertencentes ao curso normal da vida mental, se tornem patogênicos.

SEXUALIDADE FEMININA

(1931)

NOTA DO EDITOR INGLÊS

ÜBER DIE WEIBLICHE SEXUALITÄT

(a) EDIÇÕES ALEMÃS:

1931 *Int. Z. Psychoanal.*, 17 (3), 317-22.

1934 *G.S.*, 12, 120-40.

1948 *G.W.*, 14, 517-37.

(b) TRADUÇÕES INGLÊSAS:

'Female Sexuality'

1932 *Psychoanal. Quart.*, 1 (1), 191-209. (Trad. de E. B. Jackson.)

1932 *Int. J. Psycho-Anal.*, 13 (3), 281-97. (Trad. de Joan Riviere.)

1950 *C.P.*, 5, 252-72. (Reimpressão revista da anterior.)

A presente tradução inglesa é versão modificada da publicada em 1950.

O primeiro rascunho deste artigo parece ter sido escrito por volta do fim de fevereiro de 1931, mas só foi terminado no verão desse ano (Jones, 1957, 176).

O presente estudo constitui um reenunciado das descobertas anunciadas por Freud seis anos antes, em seu trabalho sobre 'Some Psychical Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes' (1925j), do qual um certo exame será encontrado na Nota do Editor Inglês àquela obra, *Standard Ed.*, 19, 243. A publicação desse trabalho anterior provocou consideráveis repercussões entre os psicanalistas, especialmente, talvez, na Inglaterra, e elas podem ter estimulado Freud a retornar ao assunto. A última seção do presente artigo contém — coisa bastante fora do comum nos trabalhos de Freud — algumas críticas de uma série de outros artigos. E é curioso que ele pareça tratá-los como se esses trabalhos tivessem surgido espontaneamente e não, como era claramente o caso, como reação a seu próprio artigo um tanto revolucionário de 1925 — ao qual, na verdade, não faz aqui qualquer referência.

Existem, contudo, um ou dois aspectos sob os quais esta obra amplia sua predecessora. Dá nova ênfase (obviamente com base em material clínico recente) à intensidade e longa duração da ligação pré-ediapiana da menina à mãe. Contudo, de mais interesse, talvez, é o longo exame do elemento *ativo* na atitude da menina para com a mãe e na feminilidade em geral.

Aproximadamente um ano depois do aparecimento deste artigo, Freud retornou ao tema da sexualidade feminina na Conferência XXXIII das *New Introductory Lectures* (1933a), que trata do assunto em linhas muito semelhantes às presentes, ainda que de maneira bastante menos técnica; termina, ademais, por um certo estudo das características das mulheres na vida adulta.

SEXUALIDADE FEMININA

I

Durante a fase do complexo de Édipo normal, encontramos a criança ternamente ligada ao genitor do sexo oposto, ao passo que seu relacionamento com o do seu próprio sexo é predominantemente hostil. No caso do menino, isso não é difícil de explicar. Seu primeiro objeto amoroso foi a mãe. Continua sendo, e, com a intensificação de seus desejos eróticos e sua compreensão interna mais profunda das relações entre o pai e a mãe, o primeiro está fadado a se tornar seu rival. Com a menina, é diferente. Também seu primeiro objeto foi a mãe. Como encontra o caminho para o pai? Como, quando e por que se desliga da mãe? Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital — o clitóris — em favor de outra, nova, a vagina.¹ Agora, no entanto, parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original — a mãe — pelo pai. A maneira pela qual essas duas tarefas estão mutuamente vinculadas ainda não nos é clara.

É bem sabido que existem muitas mulheres que possuem uma forte ligação com o pai, e para isso não precisam ser, de qualquer maneira, neuróticas. Foi em tais mulheres que efetuei as observações que me proponho comunicar aqui e que me conduziram a adotar um ponto de vista específico sobre a sexualidade feminina. Dois fatos sobretudo me impressionaram. O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. Com exceção da mudança de seu objeto amoroso, a segunda fase mal acrescentara algum aspecto novo

¹ [*Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905d). Edição *Standard Brasileira*, Vol. VII, págs. 227-8, IMAGO Editora, 1972. Mas a proposição já tinha sido demonstrada numa carta a Fliess, datada de 14 de novembro de 1897 (Freud, 1950a, Carta 75).]

à sua vida erótica. Sua relação primária com a mãe fora construída de maneira muito rica e multificada. O segundo fato ensinou-me que a *duração* dessa ligação também fora grandemente subestimada. Em diversos casos, durara até os quatro anos de idade — em determinado caso, até os cinco —, de maneira que abrangera, em muito, a parte mais longa do período da primeira eflorescência sexual. Na verdade, tínhamos de levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens. Assim sendo, a fase pré-ediapiana nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído.

De uma vez que essa fase comporta todas as fixações e repressões a que podemos fazer remontar a origem das neuroses, talvez pareça que deveríamos retratar-nos da universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses. Se, contudo, alguém se sentir relutante em efetuar essa correção, não há necessidade de que a faça. Por um lado, podemos ampliar o conteúdo do complexo de Édipo de modo a incluir todas as relações da criança com ambos os genitores, e, por outro, levar na devida conta nossas novas descobertas, dizendo que a mulher só atinge a normal situação edipiana positiva depois de ter superado um período anterior que é governado pelo complexo negativo.¹ De fato, durante essa fase, o pai de uma menina não é para ela muito mais do que um rival causador de problemas, embora sua hostilidade para com ele jamais alcance a intensidade característica dos meninos. Há muito tempo, afinal de contas, já abandonamos qualquer expectativa quanto a um paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino.

Nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-ediapiana, nas meninas nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micéniana por detrás da civilização da Grécia.

Tudo na esfera dessa primeira ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises — tão esmaecido pelo

¹ [Os complexos de Édipo positivo e negativo foram debatidos por Freud no Capítulo III de *The Ego and the Id* (1923b), *Standard Ed.*, 19, 33.]

tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar — que era como se houvesse sucumbido a uma repressão especialmente inexorável. Mas talvez tenha ficado com essa impressão porque as mulheres que estavam em análise comigo podiam aferrar-se à própria ligação com o pai em que se tinham refugiado da fase primitiva em questão. Na verdade, parece que as analistas femininas — tais como, por exemplo, Jeanne Lampl-de Groot e Helene Deutsch — foram capazes de perceber esses fatos mais fácil e claramente por terem sido auxiliadas, ao lidarem com as que se achavam em tratamento com elas, pela transferência a uma substituta materna adequada. Tampouco alcancei sucesso em divisar completamente o caminho em qualquer caso; portanto, me limitarei a relatar as descobertas mais gerais e fornecerei apenas alguns exemplos das novas idéias a que cheguei. Entre estas acha-se a suspeita de que essa fase de ligação com a mãe está especialmente relacionada à etiologia da histeria, o que não é de surpreender quando refletimos que tanto a fase quanto a neurose são caracteristicamente femininas, e, ademais, que nessa dependência da mãe encontramos o germe da paranóia posterior nas mulheres,¹ pois esse germe parece ser o surpreendente, embora regular, temor de ser morta (devorada?) pela mãe. É plausível presumir que esse temor corresponde a uma hostilidade que se desenvolve na criança, em relação à mãe, em consequência das múltiplas restrições impostas por esta no decorrer do treinamento e do cuidado corporal, e que o mecanismo de projeção é favorecido pela idade precoce da organização psíquica da criança.²

II

Comecei por enunciar os dois fatos que me impressionaram como novos: que a intensa dependência de uma mulher quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igual-

¹ No bem conhecido caso de ciúme delirante relatado por Ruth Mack-Brunswick (1928), a fonte direta do distúrbio era a fixação pré-ediapiana da paciente (na irmã). [Cf. também 'Um Caso de Paranóia Que Contraria a Teoria Psicanalítica da Doença' (1915/), do próprio Freud.]

² [O temor que a menina sente de ser morta pela mãe é mais estudado adiante, na pág. 272.]

mente forte com a mãe, e que essa fase primitiva demora um período de tempo inesperadamente longo. Voltarei agora um pouco atrás, a fim de inserir essas novas descobertas no quadro do desenvolvimento sexual feminino com que estamos familiarizados. Assim, será inevitável uma certa repetição. Ajudará nossa exposição se, enquanto progredirmos, compararmos o estado de coisas nas mulheres como nos homens.

Antes de tudo, não pode haver dúvida de que a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens. Um homem, afinal de contas, possui apenas uma zona sexual principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino. Acreditamos que estamos justificados em supor que, por muitos anos, a vagina é virtualmente inexistente e, possivelmente, não produz sensações até a puberdade. É verdade que recentemente um crescente número de observadores tem comunicado que os impulsos vaginais estão presentes mesmo nesses primeiros anos. Nas mulheres, portanto, as principais ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris. Sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para a outra, do qual nada existe de análogo no homem. Uma outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na vida sexual feminina posterior, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida. Não conhecemos, naturalmente, a base biológica dessas peculiaridades das mulheres e, menos ainda, podemos atribuir-lhes qualquer intuito teleológico.

Paralela a essa primeira grande diferença existe a outra, relacionada com o encontro do objeto. No caso do homem, a mãe se torna para ele o primeiro objeto amoroso como resultado do fato de alimentá-lo e de tomar conta dele, permanecendo assim até ser substituída por alguém que se lhe assemelhe ou dela se derive. Também o primeiro objeto de uma mulher tem de ser a mãe; as condições primárias para uma escolha de objeto são,

naturalmente, as mesmas para todas as crianças. Ao final do desenvolvimento dela, porém, seu pai — um homem — deveria ter-se tornado seu novo objeto amoroso. Em outras palavras, à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto. Os novos problemas que agora exigem investigação são a maneira pela qual essa mudança ocorre, quão radical ou incompletamente é efetuada, e quais as diferentes possibilidades que se apresentam no decurso desse desenvolvimento.

Já aprendemos também que ainda existe uma outra diferença entre os sexos, a qual se relaciona com o complexo de Édipo. Temos aqui a impressão de que o que dissemos sobre o complexo de Édipo se aplica de modo absolutamente estrito apenas à criança do sexo masculino, e de que temos razão ao rejeitarmos a expressão 'complexo de Electra',¹ que procura dar ênfase à analogia entre a atitude dos dois sexos. É apenas na criança do sexo masculino que encontramos a fatídica combinação de amor por um dos pais e, simultaneamente, ódio pelo outro, como rival. No caso dela, é a descoberta da possibilidade de castração, tal como provada pela visão dos órgãos genitais femininos, que impõe ao menino a transformação de seu complexo de Édipo e conduz à criação de seu superego, iniciando assim todos os processos que se destinam a fazer o indivíduo encontrar lugar na comunidade cultural. Após o agente paterno ter sido internalizado e ter-se tornado um superego, a tarefa seguinte consiste em desligar este último das figuras de quem originalmente constituiu o representante psíquico. Nesse notável curso de desenvolvimento, é precisamente o interesse narcísico do menino por seus órgãos genitais — seu interesse em preservar o pênis — que é transformado numa restrição de sua sexualidade infantil²

Uma das coisas que remanesce nos homens, da influência do complexo de Édipo, é um certo desprezo em sua atitude para com as mulheres, a quem encaram como castradas. Nos casos

¹ [Ver 'The Psychogenesis of a Case of Homosexuality in a Woman' (1920a), *Standard Ed.*, 18, 155n. A expressão foi utilizada por Jung em sua 'Versuch einer Darstellung der psychoanalytischen Theorie' (1913, 370).]

² [Em relação a tudo isso, ver 'The Dissolution of the Oedipus Complex' (1924d), *Standard Ed.*, 19, 173.]

extremos, isso dá origem a uma inibição em sua escolha de objeto e, se apoiado por fatores orgânicos, ao homossexualismo exclusivo.

Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. Dessa atitude dividida, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva a uma revulsão geral à sexualidade. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade inacreditavelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, freqüentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse 'complexo de masculinidade' nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita freqüência, de modo algum é superado pela mulher. Por essa razão, também, nela as conseqüências culturais de sua dissolução são menores e menos importantes. Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença na relação recíproca entre o complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais.¹

¹ É de prever que analistas masculinos com opiniões feministas, bem como nossas analistas femininas, discordem do que afirmei aqui. Dificilmente deixarão de objetar que tais noções se originam do 'complexo de masculinidade' do macho e se destinam a justificar, com fundamentos teóricos, sua inclinação inata a desprezar e oprimir as mulheres. Mas essa

Vemos, portanto, que a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase *pré-edípica*, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase. Há muito tempo, por exemplo, observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães.¹ O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. Isso é facilmente explicado como um caso óbvio de regressão. O relacionamento dela com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele; agora, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, pois o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado de mulher jaz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetais afetivas.

Com muitas mulheres, temos a impressão de que seus anos de maturidade são ocupados por uma luta com os maridos, tal como suas juventudes se dissiparam numa luta com suas mães. À luz do exame anterior, concluiremos que sua atitude hostil para com a mãe não é conseqüência da rivalidade implícita no complexo de Édipo, mas se origina da fase precedente, tendo sido simplesmente reforçada e explorada na situação edípica.

espécie de argumentação psicanalítica nos faz lembrar aqui, como tão freqüentemente acontece, a famosa 'faca de dois gumes', de Dostoiévski. Por sua vez, os opositores daqueles que argumentam dessa maneira pensarão ser inteiramente natural que o sexo feminino se recuse a aceitar um ponto de vista que parece contradizer sua igualdade cobiçada com os homens. O emprego da análise como arma de controvérsia evidentemente não pode levar a decisão alguma. — [A expressão de Dostoiévski (um símile aplicado à psicologia) ocorre no discurso da defesa, no relato do julgamento de Mitiá, no Capítulo X do Livro XII de *Os Irmãos Karamassovi*. Freud já a citara em seu artigo sobre 'Dostoiévski e o Parricídio' (1928b), pág. 218 deste volume. O símile real utilizado por Freud e existente no original russo é 'um porrete com duas pontas'.]

¹ [Ver 'O Tabu da Virgindade' (1918a). Edição *Standard Brasileira*, Vol. XI, págs. 188 e segs., IMAGO Editora, 1970.]

E o exame analítico concreto confirma essa opinião. Nosso interesse deve dirigir-se para os mecanismos em ação em seu afastamento da mãe, que era um objeto tão intenso e exclusivamente amado. Estamos preparados para descobrir, não um fator único, mas um grande número deles operando juntos para o mesmo fim.

Entre esses fatores, alguns são determinados pelas circunstâncias da sexualidade infantil em geral e, assim, valem igualmente para a vida erótica dos meninos. Primeiro e acima de tudo, podemos mencionar o ciúme de outras pessoas — de irmãos e irmãs, rivais, entre os quais também o pai encontra lugar. O amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo. Possui, porém, uma segunda característica; não tem, na realidade, objetivo, sendo incapaz de obter satisfação completa, e, principalmente por isso, está condenado a acabar em desapontamento¹ e a ceder lugar a uma atitude hostil. Mais tarde, na vida, a falta de uma satisfação suprema pode favorecer um resultado diferente. Esse mesmo fator pode garantir a continuidade ininterrupta da catexia libidinal, tal como acontece com as relações amorosas inibidas em sua finalidade. Na tensão dos processos de desenvolvimento, porém, acontece regularmente que a libido abandona sua posição insatisfatória, a fim de descobrir outra nova.

Outro motivo muito mais específico para o afastamento da mãe surge do efeito do complexo de castração sobre a criatura que não tem pênis. Numa ocasião ou noutra a menina descobre sua inferioridade orgânica, mais cedo e mais facilmente, é natural, se existirem irmãos ou outros meninos a seu redor. Já observamos os três caminhos que divergem a partir desse ponto: (a) o que leva à cessação de toda sua vida sexual; (b) o que leva a uma desafiadora superenfaturação de sua masculinidade; (c) os primeiros passos no sentido da feminilidade definitiva. Não é fácil determinar aqui o momento exato ou o curso típico dos eventos. Mesmo o momento em que a descoberta da castração é efetuada varia, e uma série de outros fatores parece ser inconstante ou depender do acaso. A situação da própria atividade fálica da menina desempenha um papel, bem como a questão de saber se essa atividade foi descoberta ou não, e quanta interferência na mesma ela experimentou posteriormente.

¹ [Cf. "A Child is Being Beaten" (1919e), *Standard Ed.*, 17, 188.]

As meninas geralmente descobrem por si próprias sua atividade fálica característica, a masturbação do clitóris¹, e, de início, isso sem dúvida não se faz acompanhar pela fantasia. O papel desempenhado, em seu começo, pela higiene infantil reflete-se na fantasia muito comum que transforma a mãe ou a babá em sedutora.² Que as meninas se masturbem com menos frequência e, desde o princípio, com menos energia que os meninos, não é certo; possivelmente, assim acontece. A sedução real também é bastante comum; é iniciada quer por outras crianças, quer por alguém encarregado da criança que deseja acalmá-la, pô-la para dormir ou torná-la dependente dele. Onde intervém, a sedução invariavelmente perturba o curso natural dos processos de desenvolvimento e com frequência deixa atrás de si conseqüências amplas e duradouras.

A proibição da masturbação, como vimos, transforma-se num incentivo para abandoná-la, mas torna-se motivo para rebelar-se contra a pessoa que a proíbe, ou seja, a mãe, ou o substituto materno que, mais tarde, normalmente se funde com esta. Uma persistência desafiadora na masturbação parece abrir o caminho à masculinidade. Mesmo onde a menina não conseguiu suprimir sua masturbação, o efeito da proibição aparentemente vã é visto em seus esforços posteriores para se libertar, a todo custo, de uma satisfação que lhe foi estragada. Quando atinge a maturidade, sua escolha de objeto ainda pode ser influenciada por esse intuito persistente. Seu ressentimento por ser impedida de uma atividade sexual livre desempenha grande papel em seu desligamento da mãe. O mesmo motivo entra em funcionamento após a puberdade, quando a mãe assume seu dever de guardião da castidade da filha.³ Não nos esqueceremos, naturalmente, de que, de forma semelhante, a mãe se opõe à masturbação do menino, fornecendo-lhe assim, também, um forte motivo de rebelião.

Quando a menina descobre sua própria deficiência, por ver um órgão genital masculino, é apenas com hesitação e relutância

¹ [Cf. *Três Ensaios* (1905d), Edição *Standard Brasileira*, Vol. VII, pág. 227, IMAGO Editora, 1972.]

² [Cf. um exame mais amplo disso adiante, pág. 273.]

³ [Cf. 'Um Caso de Paranoia' (1915f), Edição *Standard Brasileira*, Vol. XIV, pág. 301, IMAGO Editora, 1974.]

que aceita esse desagradável conhecimento. Como já vimos, aferra-se obstinadamente à expectativa de um dia também ter um órgão genital do mesmo tipo, e seu desejo por ele sobrevive até muito tempo após sua esperança ter-se expirado. Invariavelmente a criança encara a castração, em primeira instância, como um infortúnio peculiar a ela própria; só mais tarde compreende que ela se estende a certas outras crianças e, por fim, a certos adultos.¹ Quando vem a compreender a natureza geral dessa característica, disso decorre a feminilidade — e com ela, naturalmente, sua mãe — sofrer uma grande depreciação a seus olhos.

A descrição de como as meninas reagem à impressão da castração e à proibição da masturbação, provavelmente impressionará o leitor como confusa e contraditória. Não é, inteiramente, falha do autor. Na verdade, é quase impossível fornecer uma descrição que possua validade geral. Encontramos as mais diferentes reações em diferentes indivíduos e, no mesmo indivíduo, as atitudes contrárias coexistem lado a lado. Com a primeira intervenção da proibição, o conflito se forma e, doravante, acompanhará o desenvolvimento da função sexual. A compreensão interna do que ocorre é tornada particularmente difícil pelo fato de ser muito difícil distinguir os processos mentais dessa primeira fase dos posteriores, pelos quais são cobertos e deformados na memória. Assim, por exemplo, uma menina pode posteriormente interpretar o fato da castração como sendo uma punição por sua atividade masturbatória, e atribuirá a efetivação dessa punição ao pai; nenhuma dessas idéias, porém, pode ter sido primária. Do mesmo modo, os meninos normalmente temem a castração por parte do pai, embora também em seu caso a ameaça provenha mais geralmente da mãe.

Seja como for, ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher.² Uma segunda cen-

¹ [Cf. um exemplo em nota de rodapé ao Capítulo III de *The Ego and the Id* (1923b), *Standard Ed.*, 19 31n.]

² [Freud assinalou esse fato no último parágrafo da Seção I de seu artigo sobre 'Alguns Tipos de Caráter' (1916d), Edição *Standard Brasileira*, Vol. XIV, pág. 356, IMAGO Editora, 1974.]

sura, que não remonta tão atrás, é bastante surpreendente. É que sua mãe não lhe deu leite bastante, não a amamentou o suficiente. Nas condições da civilização moderna, isso frequentemente pode ser bastante verídico, embora decerto não tão frequentemente quanto é asseverado nas análises. Pareceria antes que essa acusação dá expressão à insatisfação geral dos filhos, que, em nossa civilização monogâmica, são desmamados após seis ou nove meses, ao passo que a mãe primitiva se devota exclusivamente ao filho por dois ou três anos. É como se nossos filhos tivessem permanecido para sempre insaciados, como se nunca tivessem sugado por tempo suficiente o seio de sua mãe. Contudo, não estou seguro de que, se analisássemos crianças que tivessem sido amamentadas por tanto tempo quanto as dos povos primitivos, não nos depararíamos com a mesma queixa, tão grande é a voracidade da libido de uma criança!

Quando passamos em revista toda a gama de motivos para se afastar da mãe que a análise traz à luz — que ela falhou em fornecer à menina o único órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu a partilhar o amor da mãe com outros, que nunca atendeu às expectativas de amor da menina, e, finalmente, que primeiro despertou a sua atividade sexual e depois a proibiu —, todos esses motivos, não obstante, parecem insuficientes para justificar a hostilidade final da menina. Alguns deles decorrem inevitavelmente da natureza da sexualidade infantil; outros aparecem como racionalizações imaginadas posteriormente, para explicar a mudança incompreendida no sentimento. Talvez o fato real seja que a ligação à mãe está fadada a perecer, precisamente por ter sido a primeira e tão intensa, tal como frequentemente se pode ver acontecer nos primeiros casamentos de mulheres jovens, que ingressaram neles quando estavam mais apaixonadamente amorosas. Em ambas as situações, a atitude de amor provavelmente passa para a de pesar pelos inevitáveis desapontamentos e pela acumulação de ocasiões para a agressão. Via de regra, os segundos casamentos se mostram muito melhores.

Não podemos chegar ao ponto de afirmar que a ambivalência de catexias emocionais seja uma lei universalmente válida, e que seja absolutamente impossível sentir grande amor por uma pessoa sem que esse amor seja acompanhado por um ódio talvez

igualmente grande, ou vice-versa. Sem dúvida, os adultos normais conseguem separar essas duas atitudes uma da outra, e não estão obrigados a odiar seus objetos amorosos ou a amar seus inimigos tanto quanto a odiá-los. Isso, porém, parece resultar de desenvolvimentos posteriores. Nas primeiras fases da vida erótica, a ambivalência é evidentemente a regra. Não poucas pessoas retêm esse traço arcaico durante toda sua vida. É característico dos neuróticos obsessivos que, em seus relacionamentos objetivos, o amor e o ódio se contrabalançam mutuamente. Também nas raças primitivas podemos dizer que a ambivalência predomina.¹ Concluiremos, então, que a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente, sendo precisamente em consequência dessa ambivalência que (com a assistência dos outros fatores que aduzimos) sua ligação se afasta à força da mãe mais uma vez, isto é, em consequência de uma característica geral da sexualidade infantil.

A explicação que tentei fornecer defronta-se em seguida com uma pergunta: 'Como é, então, que os meninos podem manter intacta sua ligação com a mãe, que decerto não é menos forte do que a das meninas?' A resposta chega com igual presteza: 'Porque os meninos podem lidar com seus sentimentos ambivalentes para com a mãe dirigindo toda sua hostilidade para o pai.' Em primeiro lugar, porém, não devemos dar resposta até que tenhamos efetuado um estudo atento da fase pré-ediânica nos meninos, e, em segundo lugar, provavelmente é mais prudente, em geral, admitir que ainda não dispomos de uma compreensão clara desses processos, com os quais só recentemente nos familiarizamos.

III

Uma outra pergunta surge: 'O que é que a menina exige da mãe? Qual é a natureza de seus objetivos sexuais durante a época da ligação exclusiva à mãe?' A resposta que obtemos do material analítico é exatamente a que esperaríamos. Os objeti-

¹ [Ver *Totem e Tabu* (1912-13), *passim*, especialmente o segundo ensaio.]

vos sexuais da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos e determinados pelas fases libidinais através das quais a criança passa. Aqui, a relação da atividade com a passividade é especialmente interessante. Pode-se facilmente observar que em todo campo de experiência mental, não simplesmente no da sexualidade, quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa. Tenta fazer ela própria o que acabou de ser feito a ela. Isso faz parte do trabalho que lhe é imposto de dominar o mundo externo, e pode mesmo levar a que se esforce por repetir uma impressão que teria toda razão para evitar, por causa de seu conteúdo aflitivo. Também o brincar das crianças é realizado para servir ao fim de suplementar uma experiência passiva com um comportamento ativo, e desse modo, por assim dizer, anulá-la. Quando um médico abre a boca de uma criança, apesar da resistência dela, para examinar-lhe a garganta, essa mesma criança, após a partida daquele, brincar de ser o médico ela própria e repetir o ataque com algum irmão ou irmã menor que esteja tão indefeso em suas mãos quanto ela nas do médico.¹ Temos aqui uma revolta inequívoca contra a passividade e uma preferência pelo papel ativo. Essa oscilação da passividade à atividade não se realiza com a mesma regularidade ou vigor em todas as crianças; em algumas pode não ocorrer de modo algum. O comportamento de uma criança a esse respeito pode capacitar-nos a tirar conclusões quanto à intensidade relativa da masculinidade e feminilidade que ela apresentará em sua sexualidade.

As primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que uma criança tem em relação à mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpada e vestida por esta última, e ensinada a desempenhar todas as suas funções. Uma parte de sua libido continua aferrando-se a essas experiências e desfruta das satisfações a elas relacionadas; outra parte, porém, esforça-se por transformá-las em atividade. Em primeiro lugar, a amamentação ao seio dá lugar ao sugamento ativo. Quanto às outras experiências, a criança contenta-se quer em se tornar auto-suficiente — isto é, executando com ela pró-

¹ [Cf. a passagem semelhante perto do final do Capítulo II de *Beyond the Pleasure Principle* (1920g), *Standard Ed.*, 18, 17.]

pria com sucesso o que até então fora feito para ela —, quer em repetir suas experiências passivas, sob forma ativa, no brinqueado, ou, então, transforma realmente a mãe em objeto e comporta-se para com ela como sujeito ativo. Por muito tempo não consegui acreditar nesse último comportamento, que se realiza no campo da ação real, até que minhas observações removeram todas as dúvidas sobre o assunto.

Raramente ouvimos falar numa menina que quer lavar ou vestir sua mãe, ou que lhe diga para efetuar suas funções excretórias. Às vezes, é verdade, ela diz: 'Agora vamos brincar que eu sou a mãe e você é a filha'; geralmente, porém, realiza esses desejos ativos de maneira indireta, em seu brinqueado com a boneca, brinqueado em que representa a mãe, e a boneca, a filha. A predileção que as meninas têm por brincar com bonecas, em contraste com os meninos, é comumente encarada como sinal de uma feminilidade precocemente desperta, e isso não sem razão; não devemos, porém, desprezar o fato de que o que nisso encontra expressão é o lado *ativo* da feminilidade e que a preferência da menina por bonecas provavelmente constitui prova da exclusividade de sua ligação à mãe, com negligência completa do objeto paterno.

A atividade sexual bastante surpreendente de meninas em relação à mãe manifesta-se cronologicamente em inclinações orais, sádicas e, por fim, até fálicas, dirigidas no sentido desta. É difícil fornecer uma descrição pormenorizada dessas inclinações, porque freqüentemente elas constituem impulsos instintuais obscuros que era impossível à criança apreender psiquicamente por ocasião de sua ocorrência, e que, portanto, só foram por ela interpretados posteriormente, aparecendo então na análise sob formas de expressão que decerto não foram as originais. Às vezes, nos deparamos com elas como transferências para o objeto paterno posterior, ao qual não pertencem, e onde interferem seriamente em nossa compreensão da situação. Encontramos os desejos orais agressivos e sádicos da menina sob uma forma a eles forçada pela repressão precoce, como um temor de ser morta pela mãe, temor que, por sua vez, justifica seu desejo de morte contra a mãe, se este se torna consciente. É impossível dizer quão freqüentemente esse temor da mãe é apoiado por uma hostilidade inconsciente por parte desta, hos-

tilidade que é sentida pela menina.¹ (Até aqui, foi apenas em homens que encontrei o temor de ser comido. Esse medo se refere ao pai, mas provavelmente constitui o produto de uma transformação da agressividade oral dirigida para a mãe. A criança deseja comer a mãe, de quem recebe seu alimento, no caso do pai, não existe um determinante assim tão óbvio para o desejo.)

Todas as pacientes que mostravam uma intensa ligação com a mãe em quem pude estudar a fase pré-edípica, disseram-me que, quando suas mães lhes aplicavam clisteres ou lavagens retais, elas costumavam oferecer a maior resistência e reagiam com medo e gritos de raiva. Esse comportamento pode ser muito freqüente ou mesmo habitual em crianças. Só vim a compreender o motivo para essa oposição especialmente violenta através de uma observação feita por Ruth Mack Brunswick, que estava estudando esses problemas ao mesmo tempo que eu, observação segundo a qual se mostrava inclinada a comparar a irrupção de raiva após a aplicação de um clister com o orgasmo que se segue à excitação genital. A ansiedade acompanhante, pensava ela, deveria ser interpretada como uma transformação do desejo de agressão que fora despertado. Acredito que é realmente assim e que, em nível anal-sádico, a intensa excitação passiva da zona intestinal é respondida por um desencadeamento do desejo de agressão que se manifesta quer diretamente, como raiva, quer, em consequência de sua repressão, como ansiedade. Em anos posteriores, essa reação parece cessar.

Quanto aos impulsos passivos da fase fálica, é digno de nota que as meninas regularmente acusem as mães de seduzi-las. Isso ocorre porque elas necessariamente recebem suas primeiras, ou, de qualquer modo, suas mais fortes sensações genitais quando estão sendo limpadas e tendo sua toalette auxiliada pela mãe (ou por alguém, como uma babá, que tomou o lugar desta). Mães me contaram com freqüência, a título de observação, que suas filhinhas de dois e três anos de idade têm prazer com essas sensações e tentam conseguir que suas mães as tornem mais intensas através do tocar e do esfregar repetidos. O fato de assim a mãe inevitavelmente iniciar a filha na fase fálica,

¹ [Cf. acima, pág. 261.]

constitui, penso eu, o motivo por que, nas fantasias posteriores, o pai tão regularmente aparece como o sedutor sexual. Quando a filha se afasta da mãe, transmite também ao pai sua introdução na vida sexual.¹

Por fim, impulsos cheios de desejo, intensos e ativos, dirigidos no sentido da mãe, também surgem durante a fase fálica. A atividade sexual desse período culmina na masturbação clitoriana. Esta é provavelmente acompanhada por idéias referentes à mãe; não consegui, porém, descobrir, a partir de minhas observações, se a criança liga um objetivo sexual à idéia, ou qual seja esse objetivo. Somente quando todos os seus interesses receberam novo ímpeto pela chegada de um bebê, irmão ou irmã, podemos identificar claramente esse objetivo. A menina deseja crer que deu à mãe o novo bebê, tal como o menino também quer; e sua reação a esse acontecimento e sua conduta para com o bebê é exatamente a mesma que a dele. Não há dúvida de que isso soa absurdo, mas talvez seja apenas por soar tão pouco familiar.

O afastamento da mãe constitui um passo extremamente importante no curso do desenvolvimento de uma menina. Trata-se de algo mais do que uma simples mudança de objeto. Já descrevemos o que nele acontece e os muitos motivos apresentados para ele; podemos agora acrescentar que, de mãos dadas com o mesmo, deve ser observado um acentuado abaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos. É verdade que as tendências ativas foram mais intensamente afetadas pela frustração; revelaram-se totalmente irrealizáveis e, por-

¹ [Trata-se da última fase de uma longa história. Quando, em suas primeiras análises, as pacientes histéricas de Freud lhe contaram que tinham sido seduzidas pelo pai na infância, ele aceitou essas histórias como verdadeiras e encarou os traumas como a causa de suas enfermidades. Não muito tempo se passou para que reconhecesse o engano e o admitiu numa carta a Fliess, datada de 21 de setembro de 1897 (Freud, 1950a, Carta 69). Logo compreendeu o importante fato de que essas lembranças aparentemente falsas construíam fantasias cheias de desejo, que apontavam o caminho para a existência do complexo de Édipo. Uma descrição de suas reações contemporâneas a essas descobertas é fornecida no Capítulo III de seu *Autobiographical Study* (1925d), *Standard Ed.*, 20, 34-5. Foi só na presente passagem que Freud forneceu explicação plena dessas lembranças ostensivas. Ele discute todo esse episódio com maior amplitude na Conferência XXXIII de suas *New Introductory Lectures* (1933a).]

tanto, são mais prontamente abandonadas pela libido. Mas tampouco as tendências passivas escaparam ao desapontamento. Com o afastamento da mãe, a masturbação clitoriana não raro cessa também, e, com bastante frequência, quando a menina reprime sua masculinidade prévia, uma parte considerável de suas tendências sexuais em geral fica também permanentemente danificada. A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-ediapiana à mãe, ligação que superou.

Se agora passarmos em revista a fase do desenvolvimento sexual na mulher que acabamos de descrever, não poderemos resistir a tirar uma conclusão definida sobre a sexualidade feminina como um todo. Descobrimos em ação nessa fase as mesmas forças libidinais que na criança do sexo masculino, e pudemos convencer-nos de que, durante algum tempo, essas forças seguem o mesmo curso e têm o mesmo desfecho em ambos.

Subseqüentemente, fatores biológicos desviam essas forças libidinais [no caso da menina] de seus objetivos originais, inclusive conduzindo as tendências ativas e, em todo sentido, masculinas, para canais femininos. Visto não podermos afastar a noção de que a excitação sexual deriva do funcionamento de certas substâncias químicas, parece plausível, a princípio, esperar que a bioquímica um dia nos revele uma substância cuja presença produza uma excitação sexual masculina e outra substância que produza uma feminina. Mas essa esperança parece não menos ingênua do que aquela outra — hoje felizmente obsoleta —, a de ser possível, ao microscópio, isolar os diferentes fatores excitantes da histeria, da neurose obsessiva, da melancolia, e assim por diante.

Mesmo na química sexual, as coisas devem ser muito mais complicadas.¹ Para a psicologia, contudo, é indiferente que exista

¹[Cf. a discussão da química dos processos sexuais, acrescentada em 1920 aos *Três Ensaíos* (1905d), Edição *Standard* Brasileira, Vol. VII, pág. 221, IMAGO Editora, 1972, onde (em nota de rodapé à página seguinte) a versão primitiva da primeira edição do livro também pode ser encontrada.]

no corpo uma única substância sexualmente excitante, duas, ou um número incontável delas. A psicanálise nos ensina a lidar com uma libido única, a qual, é verdade, possui objetivos (isto é, modalidades de satisfação) tanto ativos quanto passivos. Essa antítese e, acima de tudo, a existência de tendências libidinais com objetivos passivos, contém em si mesma o restante de nosso problema.

IV

Um exame da literatura analítica sobre o assunto mostra que tudo que aqui foi dito por mim, já pode ser encontrado nela.¹ Teria sido supérfluo publicar este artigo, não fosse pelo fato de que, num campo de pesquisa de acesso tão difícil, todo relato de experiências de primeira mão ou de pontos de vista pessoais pode ser de valor. Ademais, existe uma série de pontos que defini mais nitidamente e isolei com mais cuidado. Em alguns dos outros trabalhos sobre o tema, a descrição é obscurecida porque eles lidam simultaneamente com os problemas do superego e do sentimento de culpa. Evitei fazer isso. Também, ao descrever os diversos desfechos dessa fase de desenvolvimento, abstive-me de debater as complicações que surgem, quando de uma criança, em resultado de um desapontamento com o pai, retorna à ligação com a mãe que abandonara, ou quando, no decorrer de sua vida, ela repetidamente muda de uma posição para a outra. Precisamente, porém, por meu artigo constituir apenas uma contribuição entre outras, posso poupar-me de fazer um levantamento exaustivo da literatura e limitar-me a apresentar os pontos mais importantes a respeito dos quais concordo com esses outros trabalhos ou deles discordo.

A descrição feita por Abraham (1921) das manifestações do complexo de castração na mulher ainda não foi ultrapassa-

¹ [Deve-se indicar que as obras recentes de outros autores examinadas nas linhas que se seguem apareceram depois do primeiro trabalho de Freud sobre *Some Psychological Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes* (1925), que abrange a maioria dos argumentos do presente artigo, mas ao qual ele não faz referência alguma aqui. Ver Nota do Editor Inglês, pág. 257.]

da, mas teria sido motivo de satisfação que ela tivesse incluído o fator da ligação original exclusiva da menina com a mãe. Concordo com os principais pontos do importante artigo de Jeanne Lampl-de Groot (1927)¹. Nele, a total identidade da fase pré-edípica em meninos e meninas é reconhecida, e a atividade sexual (fálica) da menina para com a mãe é afirmada e substanciada por observações. O afastamento da mãe tem sua origem remontada à influência do reconhecimento da castração por parte da menina, fato que a obriga a abandonar seu objeto sexual e, com frequência, a masturbação junto com ele. O desenvolvimento completo é resumido na fórmula de que a menina atravessa uma fase negativa de complexo de Édipo, antes de poder ingressar na positiva. Um ponto sobre o qual acho a descrição da autora inapropriada é o que representa o afastamento da mãe como sendo simplesmente uma mudança de objeto e não examina o fato de ele ser acompanhado pelas manifestações mais diretas de hostilidade. A essa hostilidade justa plena é feita no último artigo de Helene Deutsch, sobre o masoquismo feminino e sua relação com a frigidez (1930), artigo em que ela também reconhece a atividade fálica da menina e a intensidade de sua ligação à mãe. Helene Deutsch afirma, ainda, que o voltar-se da menina para o pai se realiza via suas tendências passivas (que já tinham sido despertadas em relação à mãe). Em seu livro anterior (1925), a autora ainda não se tinha libertado do afã de aplicar o modelo edípico à fase pré-edípica e, portanto, interpretara a atividade fálica da menina como sendo uma identificação com o pai.

Fenichel (1930), corretamente, dá ênfase à dificuldade de reconhecer, no material produzido na análise, quais as partes dele que representam o conteúdo não modificado da fase pré-edípica e quais as partes que foram deformadas pela regressão (ou por outros modos). Não aceita a afirmativa de Jeanne Lampl-de Groot quanto à atitude ativa da menina na fase fálica. Rejeita também o 'deslocamento para trás' do complexo de Édipo, proposto por Melanie Klein (1928), que situa seus primórdios já no começo do segundo ano de vida. Essa aposição

¹ Quando apareceu em *Zeitschrift*, o nome da autora foi citado como sendo 'A. Lampl-de Groot'; corrijo-o aqui, a pedido dela.

de data, que necessariamente acarretaria também uma modificação de nossa opinião sobre todo o restante do desenvolvimento da criança, não corresponde, na realidade, ao que aprendemos nas análises de adultos, sendo especialmente incompatível com minhas descobertas quanto à longa duração da ligação pré-edípiana da menina à mãe. Um meio de suavizar essa contradição é proporcionado pela reflexão de que ainda não estamos capacitados a distinguir, nesse campo, entre o que é rigidamente fixado por leis biológicas e o que se acha aberto ao movimento e à mudança, sob a influência accidental. O efeito da sedução há muito tempo nos é familiar, e, exatamente da mesma maneira, outros fatores — tais como a data em que os irmãos e as irmãs da criança nasceram ou a ocasião em que ela descobre a diferença entre os sexos, ou, ainda, suas observações diretas de relações sexuais ou a conduta dos pais em incentivá-lo ou repeli-lo — podem apressar o desenvolvimento sexual da criança e conduzi-la à maturidade.

Alguns autores inclinam-se a reduzir a importância dos primeiros e mais originais impulsos libidinais da criança em favor de processos desenvolvimentais posteriores, de maneira que — para colocar esse ponto de vista sob sua forma mais extrema — o único papel deixado aos primeiros é simplesmente o de indicar certos caminhos, ao passo que as intensidades¹ [psíquicas] que fluem ao longo dessas vias são abastecidas por regressões e formações reativas posteriores. Assim, por exemplo, Karen Horney (1926) é de opinião que superestimamos grandemente a inveja do pênis primária da menina e que a intensidade da tendência masculina que mais tarde ela desenvolve deve ser atribuída a uma inveja do pênis *secundária*, utilizada para

¹ [*Intensitäten*]. Freud não utiliza freqüentemente a palavra, tal como aqui, sem qualquer qualificativo. 'Psychische Intensität' ocorre bastante em *A Interpretação de Sonhos* (1900a), por exemplo, Edição *Standard Brasileira*, Vol. IV, págs. 325-6 e 351-2, IMAGO Editora, 1972. Parece, em geral, provável que ele esteja de fato utilizando a palavra como equivalente do termo 'quantidade', que preferiu no primitivo 'Projeto' de 1895 (Freud, 1950a). Parece realmente empregar os dois termos como sinônimos perto do início da Seção (2) de seu segundo artigo sobre neuroses de angústia (1895f), *Standard Ed.*, 3. O termo 'quantidade' é igualado, no artigo metapsicológico sobre 'Repressão' (1915d), a 'energia instintual'. Ver nota de rodapé 3, pág. 180, acima.]

desviar seus impulsos femininos e, em particular, sua ligação feminina com o pai. Isso não concorda com minhas impressões. Certa como é a ocorrência de reforços posteriores através da regressão e da formação reativa, e por difícil que seja estimar a força relativa dos componentes libidinais confluentes, penso, não obstante, que não devemos desprezar o fato de os primeiros impulsos libidinais possuírem uma intensidade que lhes é própria, superior a qualquer outra que surja depois, e que pode ser verdadeiramente chamada de incomensurável. Sem dúvida é verdade que existe uma antítese entre a ligação ao pai e o complexo de masculinidade; trata-se da antítese geral que existe entre atividade e passividade, masculinidade e feminilidade. Mas isso não nos dá direito a supor que apenas uma delas seja primária e que a outra deva sua intensidade simplesmente à força da defesa. E, se a defesa contra a feminilidade é tão enérgica, de que outra fonte pode ela haurir sua força senão da tendência masculina que encontrou sua primeira expressão na inveja do pênis da criança e que, portanto, merece ser denominada segundo esta?

Uma objeção semelhante aplica-se à opinião de Ernest Jones (1927) de que a fase fálica nas meninas constitui mais uma reação secundária, protetora, do que um estágio desenvolvimental genuíno. Isso não corresponde quer à posição dinâmica quer à posição cronológica das coisas.